



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JOÃO OSÓRIO MARQUES RIBEIRO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-577

Entrevistado: João Osório Marques Ribeiro

Nascimento: 15/08/1951

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistador: Alexandre Luz Alves

Data da entrevista: 06/07/2015

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Luiza Aguiar dos Anjos

Pesquisa: Alexandre Luz Alves

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 45 minutos e 47 segundos

Páginas Digitadas: 16 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no judô; Associação Cristã de Moços; Centro Estadual de Treinamento Esportivo;
Grêmio Náutico União; Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Conselho de Kodanshas;
Mulheres no judô; Arbitragem; Contribuição para o judô do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 6 de julho de 2015. Entrevista com João Osório Marques Ribeiro a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Como foi a sua inserção no judô e se essa foi a sua primeira modalidade?

J.R. – Não. Eu comecei no judô em, exatamente em 1968, mas eu sempre pratiquei esporte, sempre fiz de tudo um pouco. Jogava futebol, basquete, eu sou natural de Uruguaiana, tinha o grupo de escoteiros e a gente jogava basquete, eu joguei futebol e sempre fiz de tudo um pouco.

A.A. – E específico no judô, com que idade você entrou?

J.R. – Dezesesseis anos.

A.A. – Então um pouco mais jovem que a grande maioria do pessoal que entrava naquela época... Dezoito, com trinta...

J.R. – Sim nessa faixa.

A.A. – Alguém influenciou na sua escolha pelo judô, amigos, professores, familiares?

J.R. – Não, eu sempre tive vontade, eu não tinha oportunidade. Eu sempre tive vontade de fazer um esporte de lutas, quando eu conheci alguma coisa a respeito do judô, não muito por que naquela época não tinha muita literatura, fiz para experimentar e comecei na ACM¹...

A.A. – Em Uruguaiana?

J.R. – Não, aqui em Porto Alegre, o meu primeiro professor era o Chiquinho, Francisco Xavier de Vargas Neto...

¹ Associação Cristã de Moços.

A.A. – Pode falar dessa parte estrutural dessa escola? Como funcionava? Como era essa escola aonde você praticava judô?

J.R. – Era a Associação Cristã de Moços ali na Washington Luis², o professor Francisco, Dr. Francisco hoje ele era faixa roxa, eu comecei no final do ano e logo veio o período de férias e no ano seguinte ele já estava com a faixa marrom, e meus primeiros passos foram levados pelas mãos do Chiquinho...

A.A. – Quer relatar um pouco? Como era o treino? Ele era linha dura? Como funcionava?

J.R. – Ele sempre foi linha dura, o Chico sempre foi competidor e sempre foi muito exigente com ele mesmo e também com os alunos. Eu acho que ele estava na escola técnica da VARIG³ na época, mas sempre foi bastante exigente e exigia bastante da gente e a sala era pequena, mas sempre levava um pessoal de fora, pessoal lá do Ruy Barbosa que era o local aonde ele treinava. Eu estou falando da época da Federação de Pugilismo ainda, não era Federação Gaúcha de Judô...

A.A. – Antes de 1969...

J.R. – 1967, 1968... Eu treinava com ele lá, depois quando a gente já estava um pouquinho mais, não vou dizer avançado, mas estava “menos pior” (risos). Já sabia cair direitinho, ele levava a gente para treinar em outros lugares, no Ruy Barbosa, na Academia Tóquio, no clube do *Sensei* Obata, Teruo Obata e a gente foi pegando o gosto. Ele levava, empurrava a gente: “Vamos lá e tal...”. A gente foi desenvolvendo...

A.A. – Ainda na ACM, era utilizado o tatame como a gente conhece hoje em dia? Era mais rudimentar? Como era a estrutura?

J.R. – Era mais rudimentar, o tatame ainda de se eu não me engano era tatame de palha de arroz trançado, mas eram poucos lugares que tinham, a maioria era aquele casca de arroz

² Rua de Porto Alegre.

³ Viação Aérea Rio Grandense.

com uma lona por cima, mas na ACM já era tatame de palha de arroz trançado revestido com lona.

A.A. – Como era a situação do judô no Rio Grande do Sul nessa época? Você teve apoio ou auxílio do clube para competição? Para continuar treinando? Como funcionava essa relação do clube com o atleta ou com o praticante de judô?

J.R. – Não, isso passou a existir muito pouco tempo para cá, naquela época era cada um por si, a gente tinha que se virar para conseguir as coisas e pagar a mensalidade da academia tudo por conta. Só bem depois quando foi criada a Federação Gaúcha de Judô pelo professor Gaston⁴, que foi o primeiro presidente, aí sim quando tinha os campeonatos nacionais que tinha aquela ajuda de custo, eles que pagavam o deslocamento.

A.A. – Ainda no período que tu iniciou a sua prática, havia mulheres praticando ou competindo judô?

J.R. – Competindo não, praticando ainda tinha, mas eram poucas...

A.A. – Na própria ACM tinha?

J.R. – Tinha umas duas ou três que treinavam, mas não era nada comum.

A.A. – O que significa ser *Kodansha*⁵?

J.R. – Na minha concepção seria uma pós graduação, um mestrado do judô, deveria ser. Deveria ser aquele professor que procura dividir o conhecimento que ele tem com os outros, mas para isso ele deveria continuar a procurar a aprender, a ler, absorver e dividir isso com os outros. Não adianta eu ter uma prateleira cheia de livro, eles estarem guardados e bonitinhos ali, o livro na prateleira não tem valor, ele tem valor se tiver alguém manuseando ele. Ser *Kodansha* é isso, eu entendo assim, tem que procurar, por que

⁴ Ricardo Rodrigues Gaston.

⁵ *Kodansha* é a nomenclatura dada aos judocas que atingem o sexto grau (Dan) da faixa preta, modificando desta forma a cor da faixa para branca e vermelha, rajada.

a gente dividindo com os outros o conhecimento a gente está aprendendo, sempre aprendendo.

A.A. – Como aconteceu o processo e em que ano você se tornou *Kodansha*?

J.R. – Eu me tornei *Kodansha* em 2014, há um ano atrás, foi aí que me reconheceram *Kodansha*, vamos dizer assim.

A.A. – Teve submissão de currículo? Como foi esse processo?

J.R. – Eu fiz parte da comissão de grau, fui presidente da comissão de grau, eu fui diretor técnico da Federação⁶, exerci vários postos, eu dei vários cursos durante toda minha vida no judô, mas infelizmente isso passava por uma parte política, e eu como não estava de acordo com algumas coisas que estavam acontecendo, eu primeiro pedi para sair como diretor técnico da Federação, depois eu também me desgostei da comissão de grau de algumas situações e também pedi para sair. Mas nunca me afastei do judô, eu dei aula no IPA⁷, dei aula na UNIVATES⁸ e sempre tive meus alunos competindo, mas por razões outras, depois de onze, doze anos de quinto *Dan* que essa nova administração que me reconheceu como *Kodansha*, mediante a prestação de currículo, uma série de itens que eles elegem para promover a *Kodansha*.

A.A. – Comente as demandas do Conselho, o senhor desempenha alguma função específica lá?

J.R. – Eu faço parte da comissão de grau, na realidade nos continuamos dando os cursos dos *katas*⁹, nós damos, na verdade seria uma padronização, mas como esses candidatos a faixa preta, na grande maioria das vezes eles não tem esse tipo de aula, de ensinamento nas academias a gente acaba dando o curso que é uma padronização. Então nós damos o *nage*

⁶ Federação Gaúcha de Judô.

⁷ Instituto Porto Alegre.

⁸ Universidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior.

⁹ *Kata* é um conjunto de técnicas e métodos fundamentais de estudo, especial para transmitir a técnica, o espírito e a finalidade do judô.

*no kata*¹⁰, que é o primeiro *kata*, que é o *kata* das técnicas perfeitas, *katame no kata*¹¹, técnicas de chão, *kime no kata*¹², *ju no kata*¹³, todos os *katas*. Dos sete *katas* que tem no judô e nós trabalhamos os setes *katas* a gente dá os cursos de pelo menos quatro, cinco *katas* a gente dá para esses candidatos a faixa preta e *Dan* superiores. De acordo com manual do candidato, tem aquelas exigências, então para sair faixa preta ele tem que saber o *nage no kata*, para sair segundo *Dan* ele tem que saber, reciclar o *nage no kata* e saber o *katame no kata* e assim por diante.

A.A. – A cada grau mais um *kata* a ser acrescido...

J.R. – Isso. Nós procuramos copiar o que acontece na *Kodokan*¹⁴, a *Kodokan* para nós é o nosso modelo. Inclusive a gente sempre trabalhou, eu e o professor Fernando Lemos¹⁵, que também foi professor aqui, por que o nosso professor, o professor Obata¹⁶ ele foi professor da *Kodokan*, então ele trouxe de lá... Hoje a gente tem mais internet, mais livros, mais material de pesquisa, naquela época era muito difícil, era muito pouco e o professor Obata sempre nos ensinou e nos colocou as bases como era dado na *Kodokan* já que ele foi professor da *Kodokan*, a gente procurou seguir aquilo e é o que a gente está tentando fazer aqui.

A.A. – Como foi recebida a inserção de uma mulher no Conselho? Existem outras mulheres no estado habilitadas a integrar ou em vias de? Falando especificamente da professora Eliane¹⁷...

J.R. – Com certeza a Eliane Pintanel só veio a contribuir, ela é uma das professoras que pratica e desenvolve todos os *katas*, ela é atleta até hoje, apesar de estar no veterano, ela pratica os *kata*, compete. Ela e o Roberson¹⁸ foram a dupla, a melhor dupla de *katas* no Pan Americano em Buenos Aires, no ano retrasado, 2013 se não me engano e eu tive a honra

¹⁰ Primeiro grupo de técnicas de desequilíbrio.

¹¹ Grupo de técnicas de domínio no solo.

¹² Grupo de técnicas de contra ataque.

¹³ Grupo de técnicas que utilizam o ataque do adversário para subjugar-lo.

¹⁴ Primeira escola de judô, fundada em 1882 por Jigoro Kano.

¹⁵ Fernando Machado Lemos.

¹⁶ Teruo Obata.

¹⁷ Eliane Pintanel Prondzinsky.

de ser o técnico dela (risos). Mas foi a dupla, de todo o pan Americano foi a melhor dupla, receberam um troféu “*The Best*”...

A.A. – Sabe “pouco” sobre *kata*...

J.R. – Sabe tudo sobre judô e também *katas*...

A.A. – O Conselho é uma iniciativa recente, a ideia de organizar esse Conselho foi inspirada em outra Federação?

J.R. – Eu não sei te dizer exatamente, quando eu cheguei lá, me galgaram a *Kodansha* já existia esse Conselho, então o pessoal que já é *Kodansha* há mais tempo que organizou isso. Te confesso que não sei baseado em que foi criado, mas deve ter sido em função de algum conselho no centro do país, São Paulo, uma outra federação, deve não tenho a informação precisa.

A.A. – Atualmente você seria *Roku Dan*¹⁹, você teria progressão? É aquilo que tu me disse que é político? Como funciona essas possível progressão?

J.R. – Isso existe uma... A partir do sexto *Dan*, a partir do quinto *Dan* para o sexto *Dan* isso é em cima do que seria o currículo daquele professor, daquele judoca, a Federação avalia, departamento técnico, presidente e eles em cima daquilo encaminham para a Confederação e quem promove a é Confederação. Então até o quinto *Dan* teoricamente é a Federação, acima desse a Federação indica e a Confederação é que vai homologar, que vai realmente promover ou não. Mas isso tu tem uma carência, uma idade mínima...

A.A. – Cada *Dan* tem um número específico...

J.R. – Tem seis anos, sete anos daquele grau para e uma idade mínima para ser pedido essa graduação e só então a Confederação vai homologar ou não.

¹⁸ Roberson da Silva Passos.

¹⁹ 6º *Dan* em judô.

A.A. – Comente a sua trajetória enquanto professor:

J.R. – Eu dei aula por que naquela época a gente... Não era só faixa preta que dava aula, no Japão para ser professor tu tem que ter no mínimo terceiro *Dan* e tu tem que fazer no mínimo um curso de dois anos de uma técnica que a tradução literal seria “junta ossos”, que é a quiropraxia, então ninguém consegue ser professor no Japão se não tiver um curso de quiropraxia, reduzir um braço, saber se ele está quebrado ou não, uma contusão. Aqui desde o tempo do pugilismo e depois da Federação de Judô o que acontece? Cara, o faixa verde, faixa roxa já estava dando aula, faixa marrom então... Até por que era muito pouco os faixas pretas. Eu diria que desde essa época da faixa roxa eu já dava aula, já ministrava aulas de judô, a gente tinha um conhecimento muito mais empírico, mas os nossos professores tinham um conhecimento mais empírico, eu diria assim que tendo o professor Bugre Ubirajara²⁰, Obata, o professor Chico, alguns que eram mais chegados as letras, digamos assim, o resto era mais empírico. Mas desde aquela época eu dava aula, então fazem quarenta e sete, acho que faz uns quarenta anos que eu dou aula...

A.A. – E continua dando aula?

J.R. – Continuo...

A.A. – Pode relatar os clubes que o senhor passou? Centros? Instituições?

J.R. – Eu junto com o professor Fernando, nós abrimos uma academia de judô na Igreja Sagrada Família, ali na Cidade Baixa no Grupo de Escoteiros Tapajós, depois nós fomos dar aula no Grêmio Náutico Gaúcho, no Grêmio Foot Ball Porto Alegrense, não necessariamente nessa ordem, teria que consultar e dei aula mais recentemente no Colégio São João, durante algum tempo, no Colégio Americano, no colégio Vicente Palloti. Também dei aula, no caso na faculdade, no IPA, no IPA eu dava didática, pratica de ensino e judô e na UNIVATES, na universidade de Lajeado e na Ritmo, que vamos dizer assim é minha academia. Quando os dirigentes do Colégio São João resolveram desfiliar da Federação de Judô e para a gurizada poder competir e do Colégio Americano também eu

²⁰ Bugre Ubirajara Marimom de Lucena.

criei, juntei todos, a Ritmo, Americano, São João, o Vicente Palloti e criei a RITMO, Ribeiro Treinamento e Movimento. Então eu filiei e a gente dava... Podia competir e ficar regulamentado junto a Federação para esses eventos e estou ai até hoje.

A.A. – E esse período que o senhor deu aula no CETE?

J.R. – Sim, dei aula no Centro Estadual de Treinamento Esportivo também...

A.A. – Quanto tempo lá?

J.R. – Ah! Tu já sabia...

A.A. – Sabia por que fui seu aluno lá, fui teu aluno lá no CETE em 1995...

J.R. – Que beleza. O CETE me passou. Acho que fiquei uns quatro anos lá. Que legal, que surpresa agradável.

A.A. – Sua trajetória como técnico?

J.R. – Eu fui técnico da seleção gaúcha universitária, nos Jogos Universitários de Florianópolis, não me lembro o ano, teria que dar uma consultada aqui e fui técnico na RITMO, da seleção gaúcha algumas vezes, feminino, masculino, como te disse fui diretor técnico antes... Agora eu sou faço o papel de técnico da Eliane que tem uma carreira bem boa, bonita principalmente na parte dos *katas*...

A.A. – O senhor compete ainda?

J.R. – Sim.

A.A. – No máster?

J.R. – É, eu no Sul Americano de 2012 eu sai campeão na minha categoria, eu sou médio...

A.A. – Vai até que peso?

J.R. – Vai até 90 kilos... Ai eu fui para o absoluto e peguei um pesadão, eu ia projetar ele e ele ia deitar de ombro no chão e eu pensei: “Não vou machucar o veterano”. Ai eu segurei, quando eu segurei ele me deu um contragolpe e me estourou a clavícula, que já tinha estourado em 1968, 1969 no cidadão, luxou a clavícula, ai em 2012, acho que era novembro de 2012, eu fui para... Eu tinha que fazer cirurgia, mas eu fiquei segurando, eu faço muita cavalgada, nós tínhamos a Cavalgada dos Cavaleiros da Paz em Minas e eu não quis (risos) fazer a cirurgia para não poder ir. Depois veio Semana Farroupilha, aqueles negócios todos, ai meu médico: “Tá! Agora nós vamos operar em outubro”. E eu digo: “Não! Outubro eu tenho o Pan Americano em Buenos Aires”. E ele: “Mas tu vai machucado assim?” e eu respondo “Mas eles não sabem” (risos). Eu fui em 2013 a Buenos Aires e consegui ir para a final, vice campeão lá e ai sim dia oito de dezembro eu fiz a cirurgia.

A.A. – Então se tivesse 100% talvez tinha trazido o título?

J.R. – Não sei, na final o cara era muito bom, Alberto²¹... Não dá para dizer, mas talvez até não, mas fui machucado e ainda consegui ir para a final, está bom, estou no lucro. Como já tinha sido campeão Pan Americano antes eu não queria perder a hegemonia (risos). Falta de humildade...

A.A. – Comente a sua participação como árbitro, atuou muito como árbitro? Como funcionou?

J.R. – Também, outra situação, naquela época eu com faixa verde já estava arbitrando, por que eles colocavam a gente a arbitrar. Então eu arbitrei anos á fio, antes de regulamentar a arbitragem, até por que tinha muito poucos árbitros, muito pouca gente disponível para arbitrar, então a gente era jogado na fogueira assim e a gente ia para fazer currículo, era bem diferente de agora. Agora faz muito tempo que eu estou fora da arbitragem, mas arbitrei durante muitos anos e a regra vai mudando, mas a gente vai assimilando, eu

²¹ Alberto Nogueira de Carvalho.

procuro me atualizar, fazer todos os cursos as clínicas de arbitragem que aparecem, mas não tenho arbitrado, faz muito tempo que eu não faço parte do quadro de árbitros, mas eventualmente numa competição ou outra, quando solicitam a gente colabora.

A.A. – Ainda como técnico. Você teve participação em alguma etapa de preparação de atletas que foram para as Olimpíadas ou outra competição internacional?

J.R. – Não, Olimpíadas não, só nos Pan Americanos, mais os veteranos Sul Americanos e Pan Americanos...

A.A. – Anteriormente nenhum atleta que tenha despontado, alguma participação em Pan Americano, Sul Americano...

J.R. – Como técnico não, assim eu morava perto da casa do Chico... “Historinhas”... Se tu quiser aproveitar...

A.A. – Próximo a atual casa dele no Menino Deus?

J.R. – Não ele morava ali na Barão do Gravataí²² e eu morava na Lopes Teixeira²³, hoje aonde é a Perimetral, o edifício que eu morava eles cortaram bem no meio para fazer a Perimetral. Como eu trabalhava no banco, no Bradesco²⁴ nessa época eu saía... A gente levantava cinco e meia, seis horas da manhã eu e ele, a gente corria pela Praia de Belas²⁵, a feira livre era na Praia de Belas antigamente, ali aonde é o IPE²⁶, os Bombeiros ali. Nós fazíamos a volta lá aonde estavam construindo o Gigantinho²⁷, um frio danado e abrigo quase não existia, um ou outro que tinha por que trazia de fora, da Europa, não se usava abrigo, de calção e camiseta, aqueles inverno rigoroso, as vezes os estivadores ainda mexiam com a gente: “Bobalhão, vai dormir!!!”. Não tinha essa cultura e a gente corria, aí eu fazia entrada na borracha no poste assim né, o meu apartamento era térreo. Então eu

²² Rua de Porto Alegre

²³ Rua de Porto Alegre.

²⁴ Banco brasileiro.

²⁵ Avenida de Porto Alegre.

²⁶ Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul.

²⁷ Ginásio Gigantinho.

tenho a impressão de ter podido colaborar de alguma forma com o Chico por que ele foi o primeiro gaúcho a participar de uma seleção, que é a seleção brasileira universitária, então a gente treinou muito junto, dentro das minhas possibilidades, eu trabalhava na compensação e a gente ia até madrugada e depois tinha que estar de novo para trabalhar, depois eu passei para caixa do banco, então era meio complicado os horários para treinar, estudar e trabalhar. Mas isso a gente sempre foi parceiro nessas dificuldades...

A.A. – Então tem a sua mão no vice campeonato dele brasileiro?

J.R. – Não, minha mão não, a gente colaborava, treinava junto, treinava muito e o Chico era muito dedicado, ele não tinha a mesma facilidade e a mesma velocidade natural que muitos atletas tinham e tudo o que ele conquistou foi pelo esforço, foi pelo treinamento mesmo...

A.A. – Persistência.

J.R. – E pouca gente gostava de fazer essas loucuras, e eu, além de ele ser o meu professor, depois ele nem era mais o meu professor, já estava treinando lá no Ruy Barbosa²⁸, mas a gente treinava muito junto, apanhei muito dele (risos).

A.A. – Fora esses momentos que você tem me relatado, tem outros momentos/eventos dentro que você gostaria de destacar?

J.R. – Eu fui campeão da eliminatória da Zonal em Joinville e fomos para o Campeonato Brasileiro, os títulos assim que eu fui mais longe antes de ser veterano, mas não tinha muita coisa. Nosso primeiro campeão gaúcho foi o Celso Palma que foi um feito histórico, que quando chegou aqui era juvenil, desfilou em carro de bombeiro, nós não tínhamos esse destaque. Se resumia a São Paulo e às vezes o Rio de Janeiro, o resto era o resto, Minas, Brasília, Rio Grande do Sul tudo era...

A.A. – O senhor lembra em que ano esse atleta conquistou?

²⁸ Dojô Ruy Barbosa.

J.R. – Eu teria que ver aqui, eu vou deixar isso contigo...

A.A. – Com certeza a gente precisa do material...

J.R. – Ai depois do Celso Palma acho que foi o Vilalba²⁹ (sujeito a confirmação) que conquistou campeonato brasileiro e escolar, com a mão, sem dúvidas do professor Fernando Lemos, eu era diretor técnico da Federação nessa época, nós fazíamos um treinamento científico para nós conseguirmos vir aqui no LAPEX³⁰, para fazer um teste foi um parto, muito fechado. Mas o Fernando conseguiu, já era professor aqui na época, a gente conseguiu trazer os atletas para desenvolver circuito treino, fazer esse tipo de coisa, trabalhar na pista, fazer exercício específico. A gente começou a desenvolver isso juntos, o Fernando por isso era obcecado, dedicado demais, pesquisador, sempre foi pesquisador e a gente dali para frente sem falsa modéstia, trabalhando com a gurizada e essa gurizada foi crescendo e essa gurizada que começou a galgar uma coisa depois a nível nacional. A gente ia, a gente participava, mas a gente tomava pau. Então tirando o Chico, que era a referencia maior na época que conseguia se destacar de alguma forma...

A.A. – Esse grupo de atletas que ano mais ou menos conseguiu fazer esses testes?

J.R. – Acho que 1970, 1980 por ai. A gente fez lá no CETE mesmo um bom trabalho lá, sem dúvidas e sem falsa modéstia. Dali começou a surgir atletas. Esse Alexandre Garcia³¹ ele era o chaveirinho, é dessa geração tinha cinco, seis, sete anos pequeno, danado, só incomodava (risos), mas ele fazia briga com os grande era um horror, hiperativo, e se tornou o Garcia das Olimpíadas, teve muitos outros, mas a gente fazia essa... Agregava isso ai... E depois lá no tempo dos CETE a gente... tinha aquele grupo acho que deve ser teu contemporâneo, Dourado (nome sujeito a confirmação)...

A.A. – Eu pratiquei final de 1994, 1995, fiquei um ano só, depois teve o problema do incêndio...

²⁹ Luiss Henrique Vilalba Moreira.

³⁰ Laboratório de Pesquisa do Esporte.

³¹ Alexandre de Almeida Garcia.

J.R. – Teve o problema do incêndio e que apodreceu as vigas e caiu na época das eleições...

A.A. – Comente como você percebe a mudança do judô ao longo destes anos:

J.R. – A evolução foi muito grande. Eu diria assim que é uma pena que ele evoluiu muito na parte competitiva, mas ficou muito esquecida a parte filosófica e histórica da coisa. Eu sinto muito que hoje são raros aqueles que tem respeito pelo professor mais antigo e que mantém aquela filosofia. Eu continuo na época que tu treinava comigo, provavelmente tu teve de fazer um exame de faixa...

A.A. – Tinha que fazer exame.

J.R. – A nossa maneira de ver tem que ser conquistado, tem que fazer exame, tem que treinar, até chegar... Muitas vezes o cara sai campeão ganha uma faixa, mas vai perguntar para ele nem sabe a história do judô, ele não sabe as origens, da onde veio. Então a coisa ficou muito sem alicerce, filosofia, espírito do judô, aquelas coisas todas ali pouca gente trabalha...

A.A. – Não cultivam mais...

J.R. – Mais importante, chegou um ponto que quando eu era diretor técnico eu tirei determinadas técnicas das categorias mirins e infantil e quase fui execrado por isso, por que o importante para os professores, entre aspas, era ganhar e o que acontecia? O guri entrava no judô e ensinava o *morote gari*³², o guri nem sabia cair direito e colocava na competição, então saia correndo e pegava das pernas, chegava a dar sessão pastelão dos guris vindo correndo e bater com a cabeça e cair de novo, cair para traz. Os gordinhos era o *soto makikomi*³³ que não era, era o “punho *makikomi*”, os gordinhos se pegavam do punho do outro e se jogavam no chão, seria o *makikomi*, mas não dá, até que uma dessas levavam a ganhar, até ele ficava um semestre, um ano no judô, quando ele não conseguia mais fazer

³² Técnica que utiliza as mãos para desequilibrar o adversário no judô.

³³ Técnica de projeção do judô.

aquilo ali, perdia o interesse, não ganhava mais medalha. Então eu consegui tirar essas técnicas, ai os professores de modo geral ficaram muito brabos com a minha atitude, mas eles não ensinavam judô e as crianças não aprendiam judô, eles aprendiam a ganhar, mas não aprendiam uma técnica, como pega um quimono, para que lado tu olha, como tu faz, para onde tu gira, era meio complicado. Mas isso eu fiz, na minha época, e hoje essa parte da filosofia, da educação é meio complicado. Hoje tu vê infelizmente dirigentes na arquibancada insuflando torcida e xingando árbitros, as vezes dentro da própria área de judô, tu vê dirigentes ali sentados na cadeiras de técnicos, não só eles como mais um ou dois encostados ali, tentando conduzir a arbitragem, esse tipo de coisa. Eu sou do tempo que gol com a mão não vale, é o que eu tenho que passar para o meu aluno, dignidade, respeito que às vezes em alguns lugares está meio esquecido. Como atleta, como competidores, desenvolveu muito e compensação para esse outro lado da disciplina teria que melhorar.

A.A. – Comente a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul:

J.R. – Eu acho que na medida que a gente tentou passar esses valores não preocupados só com a competição em si, mas passar esses valores ai para... Eu tive alguns alunos que se destacaram a nível nacional, por que quem ganha é um só, cada peso, mas tu tem que passar esses valores por que todos tem o direito e precisam fazer um esporte, tem o direito de fazer seu judozinho, ele não tem que ser o melhor, ele tem que ser esforçado, ser o melhor depende de uma série de coisas, de fatores, herança hereditária, bio tipo, tem uma série de fatores que interferem, porém, na formação do cidadão, da formação do homem... Eu continuo exigindo até hoje o Hino Nacional nos programinhas (risos)...

A.A. – Ah é?

J.R. – Claro! Tem que saber, e tentar mostrar que a coisa não pode como papagaio, hoje tu vê os caras nas competições: “Oss”. Eles não sabem o que estão dizendo “Oss” não é nada, *Oss shinobu* que é uma saudação, desde o tempo do professor Obata, na *Kodokan*, na formação dele. Mas hoje todo mundo oss, oss e não sabem o que estão dizendo...

A.A. – E infelizmente para outras modalidades que não são judô...

J.R. – Que não são judô, eu te disse que eu gostaria que fosse lá em casa para ver tudo que tem escrito em caracteres do judô tem o que quer dizer e a tradução literal do lado, tudo está traduzido, não adianta falar igual a papagaio, não sabe o que está falando. Eu continuo, eu faço as apostilas, então a gente procura fazer, desenvolver e mostrar dentro do que seja o espírito do judô, não adianta só ganhar, se aperfeiçoar para lutar, é lutar para se aperfeiçoar. Se dar conta que a gente sabe muito pouco, quanto mais a gente aprende esse tipo de coisa tentar passar para eles. Eu tenho a sorte de lá na minha academia, em cima da mesa um real, dez reais fica um mês ali, ninguém mexe, então é isso que a gente passa para eles...

A.A. – E lá o senhor trabalha com iniciação também?

J.R. – Também...

A.A. – Todas as idades?

J.R. – Todas as idades, mas é que eu tenho cinco ou seis que estão na universidade, então esses treinam pouco, tem uns que só vão nas sextas feiras, conseguem arrumar os horários com o trabalho e estudo. Eu trabalho com todas as idades, principalmente iniciação, eu tenho ali uns dez meninos que são competidores, bons competidores, a gente desenvolveu uma parceria com o Grêmio Náutico União por que isso facilita para nós e para eles, o União paga a inscrição da gurizada, eles pagam o transporte quando é fora e nós temos uma comunidade de pouca renda, então isso facilita, tem muito que não... Que estão mais naquela parte social da coisa, que não pagam, às vezes chega um pai, uma mãe que diz: “Professor, nós vamos parar um pouquinho com o judô por que eu perdi o emprego”. E eu digo: “Não vai parar não, deixa assim”. E fica e tem lá uma meia dúzia... Eu digo: “Deixa teu filho aqui, vai ficar na rua aprendendo o que não deve? Deixa ele treinando aqui...”. Quem tem um quimono que está pequeno passa para outro, não é pelo dinheiro, é pelo amor, nós fazemos parte da comissão de grau, nós nos reunimos geralmente às quintas feiras para repassar os *katas* e treinar e preparar as aulas que a gente dá aos sábados...

A.A. – Tudo acontece na Federação?

J.R. – Não, a gente se encontra na RITMO, é menor, é mais agradável, as vezes no CETE, que a Federação tem aquele espaço do CETE e nós trabalhamos as quintas feiras e preparamos as aulas e as vezes passamos um sábado inteiro, domingo também, a gente não ganha nada, quer dizer quando muito a gente ganha um almoço (risos). Então esse é o espírito da coisa, a gente não está preocupado em ganhar dinheiro, a gente está lá para colaborar com o que a gente pode.

A.A. – Tem algo que nós não perguntamos e tu gostaria de deixar registrado?

J.R. – Não me ocorre muita coisa, mas me perguntaram logo quando eu passei a *Kodansha*: “Agora sim, o que mudou?”. Não mudou nada, continua a mesma coisa, eu continuo dando aula com a minha faixa preta, que na minha concepção e do meu professor Obata que é sexto *Dan* a trinta e poucos anos e nunca recebeu uma graduação e não se incomoda, é o cara que merecia, que mais sabe de judô, está com oitenta e três anos e muito lúcido. Quando a gente se aperta com os *katas*, tira as dúvidas com ele, quando a gente pode carrega ele para lá e para cá. Ele tinha o dojô dele no Lami³⁴ até um ano atrás e esse cara está esquecido, isso me incomoda. Eu nunca vi ele dando uma aula de coral, eu não dou aula de coral, não muda nada, faz bem para o ego da gente ser reconhecido.

A.A. – Professor, muito obrigado pelo depoimento, foi um dos mais ricos depoimentos que a gente teve do judô. O Centro de Memória do Esporte agradece, muito obrigado.

J.R. – Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁴ Bairro de Porto Alegre.